

“A BELA ADORMECIDA”: ENTRE INTERTEXTUALIDADE E RESSIGNIFICAÇÃO

JEHNIFER PENNING¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – j-penning@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Os Contos de Fadas são conhecidos por serem passados de geração em geração, carregando em seu enredo alguma lição de vida ou comportamento. Concordando com Moreno, “tais narrativas têm sua origem na tradição popular vinculada oralmente através dos contos folclóricos famosos nos salões mundanos até meados do século XVI e XVIII” (MORENO, 2011, p. 11). Estudá-los sempre pode ser uma tarefa significativa; caso levemos em consideração a noção de intertextualidade, então, teremos um vasto campo de pesquisa.

Tencionamos, com este estudo, analisar o aspecto da intertextualidade presente no terceiro livro da Saga Encantadas, de Sarah Pinborough, intitulado *Poder* (2014). Nele, é recontada a história da Bela Adormecida, personagem imortalizada pelo conto “Dornröschen” (1812) dos Irmãos Grimm e, posteriormente, pela animação “Sleeping Beauty” do Walt Disney Studios (1959).

Copilada pelos Irmãos Grimm no século XIX e publicada pela primeira vez em 1812, a coletânea de contos de fadas “Kinder- und Hausmärchen” (KHM, em português “Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos”) é resultado da coleta dos filólogos alemães através de viagens pelo território germânico. De todos esses contos, selecionamos para análise a narrativa “Bela Adormecida” (KHM 50), a qual segundo os irmãos tem raízes em outras narrativas, tais como: “Sole, Luna e Talia” (1634) de Giambattista Basile e “La belle au bois dormant” (1697) de Charles Perrault. Sendo assim, já nos Grimm há um intertexto.

Não somente o conto dos Grimm habita o imaginário ocidental em relação à figura da princesa: o Disney Studios tem um papel fundamental na criação da imagem da Bela Adormecida. Princesa Aurora, aqui a protagonista ganha um nome, é representada como uma jovem sonhadora (vide canção “Once upon a dream”). Outras produções recepcionam essa imagem de princesa: sonhadora e a espera de seu príncipe. Todavia, textos mais atuais tem revisitado os contos de fadas com outro olhar: seja atualizando alguns elementos narrativos ou ressignificando a(s) narrativa(s) anterior(es).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é a da análise comparada: cotejaremos a narrativa do livro *Poder* (2014) com o enredo do conto *A Bela Adormecida* (1812). Temos em vista conduzir nossa pesquisa dentro da noção de intertextualidade de SAMOYAUT (2008), atentando igualmente para a noção de gênero de que fala SCOTT (1994).

Kristeva apud Samoyault (2008) nos dá a seguinte definição de intertextualidade:

O eixo horizontal (sujeito-destinatário) e o eixo vertical (texto-contexto) coincidem para desvelar um fato maior: a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) em que se lê pelo menos uma outra

palavra (texto). Em Bakhtin, aliás, esses dois eixos, que ele chama respectivamente diálogo e ambivalência, não são claramente distinguidos. Mas essa falta de rigor é antes uma descoberta que Bakhtin é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. (SAMOYAL, 2008, p. 16)

Em outras palavras, não há texto “puro”, todo o texto recebe a influência de algum outro já existente ou servirá como base para um próximo. Para embasar esta ideia, citamos Philippe Soller apud Samoyault (2008), o qual defende que “todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade.” (SAMOYAL, 2008, p. 17).

Para falarmos a respeito da noção de gênero, recorremos aos estudos de SCOTT (1995), a qual define o conceito da seguinte maneira:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. (...) Esse uso rejeita a validade interpretativa e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de uma esfera, a experiência de que um sexo tenha muito pouco a ver com outro sexo.” (SCOTT, 1995, p. 75).

Assim, conduziremos o trabalho analisando a ressignificação do conto de fadas e sua relação com o intertexto tendo como foco a categoria gênero, mais especificamente na representação da relação entre feminino e masculino.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise do romance *Poder* (2014), considerando o fato de haver nele a presença fortemente marcada da intertextualidade, pudemos chegar às seguintes conclusões. Na obra de PINBOROUGH (2014), a imortal história da princesa Bela Adormecida ganha uma nova versão. De acordo com SAMOYALT (2008), “a literatura se escreve certamente numa relação com o mundo, mas também consigo mesma, com sua história, a história de suas produções, a longa caminhada de suas origens.” (SAMOYALT, 2008, p. 9).

Sendo assim, o enredo ganha novas significações ao passo que é recontado, e cada nova variante traz consigo um leque de novos sentidos. Philippe Sollers, nos diz que “todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade.” (SOLLERS apud SAMOYALT, 2008, p. 17).

Ambas histórias se entrecruzam, basicamente, nos contam os mesmos acontecimentos. As duas narrativas apresentam reinos adormecidos por obra de um feitiço ou praga, igualmente nas duas narrativas, um príncipe foi quem salvou a princesa. Na versão dos Irmãos Grimm, a narrativa revela que encontrar a princesa é o objetivo principal do filho do rei:

Certo dia, a caravana do filho de um rei cruzava essas terras, quando um velho das redondezas contou ao príncipe que, segundo se dizia, por detrás da densa sebe de espinhos havia um castelo, e que ali dormia uma linda princesa e todo o seu séquito real. (GRIMM, 2013, p. 238).

Na versão de Pinborough, podemos visualizar que o objetivo de encontrar a terra perdida eram os tesouros que poderiam nela ser encontrados:

Diz a história que, há cerca de um século, a cidade foi assolada por uma praga terrível. A floresta, tão rica em magia e tão perto da encosta da montanha, fechou-se em torno dela, e as árvores e os espinhos cresceram tanto e ficaram tão densos, que a cidade e todos os seus habitantes ficaram isolados e se perderam para sempre. [...] Mas certamente todos os tesouros ainda estão lá. E, se a cidade pudesse ser encontrada, seria um acréscimo muito bem-vindo ao nosso reino. Uma descoberta lucrativa, um posto avançado para vigiar nossos inimigos ou um lugar perfeito para realizar negociações de paz entre reis em guerra. (PINBOROUGH, 2008, p. 12-13).

Como dito, na narrativa de Pinborough não encontramos menção nenhuma a respeito da recompensa, para aquele que encontrasse o reino perdido, ser a princesa, como no enredo dos Irmãos Grimm. Um outro aspecto da narrativa de *Poder* que se distingue bastante do conto original é a liberdade que possuem as personagens femininas. São equivalentes os papéis, ambos têm falas semelhantes e podem realizar as mesmas ações, e isso não é encontrado na primeira versão da história. Um exemplo para tanto é que assim como o príncipe precisava de aventuras, segundo diz o rei na narrativa, as meninas igualmente precisavam. “Não seja boba, querida. Não são só os homens que precisam de aventuras, sabia? Todo mundo precisa encontrar o próprio destino” (PINBOROUGH, 2008, p. 36). Em um momento de desespero, foi uma personagem feminina quem salvou os demais personagens do perigo. Vejamos:

Uma flecha passou voando por ele, direta e certeira, penetrando firmemente vários centímetros no peito do lobo. Ao perder todo o ímpeto do momento, o animal soltou um ganido e caiu com um barulhão em cima da mesa. Ali estrebuchou por um segundo e morreu. Quando o príncipe conseguiu ficar de pé, o caçador olhava para a fera morta e depois se virou para olhar para trás, para a garota às suas costas com o arco nas mãos. (PINBOROUGH, 2008, p. 32)

Outro exemplo para ilustrar a equivalência entre os personagens femininos e masculinos é a normalidade com que eram vistos os relacionamentos entre eles, até mesmo nas relações íntimas.

Eles sorriram um para o outro, bem-humorados, sem problemas com as coisas naturais entre homens e mulheres nem com a frequência com que iam para a cama uns com os outros até serem levados pelos votos do casamento. Tanto homens e mulheres eram, afinal, animais, e a vida na floresta podia ser dura. Era preciso ter algum conforto onde fosse possível obtê-lo. (PINBOROUGH, 2008, p. 15)

Há algo extremamente inovador no que se trata de conto de fadas na narrativa de Pinborough: a aceitação do prazer feminino.

O caçador a puxou para mais perto, aproveitando o seu calor descomplicado. Seus namorados anteriores não o incomodavam, e não teriam incomodado mesmo que ele a amasse. Ele não tinha tempo para esse tipo de preconceito, isso não se encaixava em sua lógica interna e lhe parecia apenas pura estupidez. Afinal de contas, eles eram todos apenas animais, e por que uma mulher devia se negar ter prazer só porque um homem inseguro poderia pensar mal dela? (...) As mulheres eram de longe o sexo mais sensual, mas a maioria dos homens não sabia como manter esses sentimentos vivos nelas. (PINBOROUGH; 2014, p. 87-88)

O que pudemos notar na análise das narrativas é que com a uma nova versão da história, temos a ressignificação de ações e falas. O que outrora não era possível, torna-se viável e passa a ser aceita.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa ainda está em andamento. Entretanto, é possível elencarmos algumas considerações que foram obtidas ao longo do estudo. Através do estudo de gênero, pudemos perceber que, de acordo com SCOTT (1995), gênero só se constitui em sociedade, no outro, em um todo. O feminino, nesse caso, não perde e nem ganha seu espaço na presença ou ausência do masculino, porque na narrativa analisada ambos os gêneros possuem espaços equivalentes.

Com o estudo de intertextualidade, foi possível visualizar que há, com essa nova versão do conto, a ressignificação de conceitos e acontecimentos.

É então que se torna possível definir a literatura, considerando-se essa dimensão da memória, na qual a intertextualidade não é mais apenas a retomada da citação ou da re-escrita, mas descrição dos movimentos e passagens da escritura na sua relação consigo mesma e com o outro. (SAMOUYALT; 2008, p. 11)

Concluímos, ainda, que há, na narrativa de Pinborough, uma liberdade para as personagens femininas que jamais foi encontrada no conto “A Bela Adormecida”. Com o romance *Poder*, Sarah Pinborough consegue desconstruir conceitos, sobretudo a respeito do feminino, atribuindo, assim, uma ressignificação para a história da Bela Adormecida e seu reino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRIMM, J.; GRIMM, W. Bela adormecida. In: _____. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 236-238.
- MORENO, Fernanda da Silva. **A transformação da moralidade nas releituras teatrais de contos maravilhosos**. 2011. 70f. Monografia (Especialização em Educação) - Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PINBOROUGH, S. **Poder**. São Paulo: Única Editora, 2014.
- SAMOUYALT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul/dez 1995.